

Johannes de Sacrobosco, *Tratado da Esfera*. Rio de Janeiro/São Paulo: MAST/UNESP/Nova Stella, 1991. 143 p. Tradução de Pedro Nunes, com Introdução e atualização para o português contemporâneo de Carlos Ziller Kamenietzk, incluindo *fac-símile* da edição original.

O que salta imediatamente à vista do leitor mais atento deste livro é justamente o ineditismo da iniciativa de sua publicação. De fato, como ressaltado em sua apresentação, não há praticamente textos originais da física e da astronomia medievais em português. Só conhecemos o sistema Ptolomaico através de referências secundárias, como aquele que “estava errado”. Mesmo na orelha da capa frontal do livro coloca-se aspas na palavra “prova” quando este sistema é mencionado. Em um dos poucos textos didáticos recentes publicados no Brasil, o de Ronan, a ciência da Idade Média é descrita em escassas páginas como se fosse “precurso-ra” da ciência moderna, e o nome de Sacrobosco é mencionado uma única vez, em uma gravura (RONAN, 1987, p. 150).

E no entanto o *Tratado da Esfera* é um “clássico da Astronomia”¹, cujos manuscritos, edições e comentários, em grande número, sugerem o interesse da época pela ciência. Sacrobosco apresenta em seu argumento virtudes tão louvadas em nossa ciência moderna, como sua universalidade (e.g., o uso de autores árabes) e o uso de argumentos lógicos e empíricos. Enfatiza-se também a defesa da materialização dos fenômenos naturais (p. 20-21). Impressiona também a racionalidade do argumento (dentro, é claro, do paradigma da época), desfazendo a imagem de misticismo e irracionalidade que por vezes é atribuída à Idade Média.

A apresentação e a introdução do editor, assim como as notas, são excelentes guias para a intrincada argumentação, aos olhos modernos, de Sacrobosco. Ao mesmo tempo, ressaltam a importância do livro para o leitor luso-brasileiro: o seu emprego como texto para os navegantes portugueses nas grandes conquistas náuticas no séc. XVI – sem uma boa base teórica não há aplicação prática que se sustente.

A despeito da qualidade da edição, há que se registrar alguns senões. Na p. 8, por exem-

plo, o editor fala de “Os curadores da edição das *Obras...*”, deixando o leitor curioso esperando até a p. 18, para então descobrir de que *Obras* se trata. O livro é dirigido também ao leitor leigo, mas aqui ocorrem alguns problemas. Primeiro, o glossário adicionado pela editora é adequado, mas deveria vir acompanhado de uma pequena bibliografia com textos básicos sobre a ciência medieval e também sobre astronomia. Segundo, o *fac-símile* da tradução quincentista de Pedro Nunes é uma excelente idéia, mas bastaria reproduzir um par de páginas – como o editor reconhece (p. 8), o original é de difícil compreensão e só acessível a alguns especialistas. Seria interessante, outrossim, explicitar o pano de fundo filosófico-teológico do *Tratado*, que a nosso ver é importante para sua compreensão. Por exemplo, ele termina com uma citação de (pseudo-) Dionísio Aeropagita, que é talvez a única sem referência nas Notas. Ora, este místico do início da Idade Média teve grande influência no pensamento cristão nos séculos que se seguiram, e sua hierarquia celeste encontra ressonância tanto no esquema espacial da *Divina Comédia* como nas esferas concêntricas dos astrônomos medievais. Valeria a pena uma nota a respeito. Por fim, talvez fosse interessante traduzir algumas citações em língua estrangeira, como nas notas de rodapé da p. 12.

Um lapso que merece um comentário à parte diz respeito às gravuras do livro. A introdução (p. 13) deixa entrever que as ilustrações seriam do próprio Sacrobosco. Mas os mapas contidos nas p. 31 e 69 não podem ser senão do séc. XVI, transcritos provavelmente pelo próprio Pedro Nunes. Além disso, a gravura reproduzida na obra de Ronan, acima citada, não se encontra na edição de Pedro Nunes. Tudo indica que, nos diversos manuscritos e edições, as gravuras tenham sido incluídas, modificadas ou retiradas conforme os padrões e necessidades da época. Independentemente disso, certas gravuras (como a da refração da luz na água, na p. 34) bem mereceriam um comentário.

Mas estes senões não diminuem o valor desta obra que nos é apresentada. Considerando-se a falta de tradição em edições críticas dos clássicos em nosso país, e dada a falta de infraestrutura que dificulta o trabalho dos editores, esta edição do *Tratado da Esfera* de Sacrobosco é excelente, e sua leitura é recomendada aos pesquisadores e demais interessados em astronomia e história das ciências. Deve-se louvar também a ousadia da Nova Stella e das editoras

1. Página 14 do livro aqui resenhado. De ora em diante referência às páginas deste livro serão colocadas no próprio corpo do texto.

universitárias ao publicarem, neste clima tão desfavorável à divulgação das ciências e das humanidades, clássicos tão oportunos quanto destituídos de apelo mercadológico.

LISTA BIBLIOGRÁFICA

RONAN, C. *História Ilustrada da Ciência da Universidade de Cambridge*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. V. 2º, Oriente, Roma e Idade Média.

Eduardo Rodrigues da Cruz.

Professor Assistente-Doutor da PUC/SP.

NOTÍCIAS

“Congresso Internacional: La Ciencia y el Descubrimiento de America” (Madrid, 25-28 de junho de 1991).

Evento inaugural, no âmbito da História da Ciência, para o debate dos 500 anos das assim chamadas ‘descobertas’. Um grande leque de instituições internacionais e espanholas figuraram na organização e no apoio do congresso: desde as Universidades Autônomas e Complutense de Madrid, o C.S.I.C. e a Fundação do V Centenário: até a Fullbright e a Rockefeller, passando pelas sociedades Espanhola, Latino-americana e Norte-americana de História da Ciência.

Sessões únicas e conferências formaram esse encontro, que privilegiou uma das correntes mais atuais da historiografia. Qual seja: o olhar do ‘outro’ e sua participação – até há pouco ignorada – na avaliação e na construção da ciência européia; bem como o redimensionamento das ciências peculiares a esse ‘outro’, e seu papel no processo das ‘descobertas’. O ameríndio, o mestiço nativo das novas terras, os povos orientais e africanos, e mesmo aqueles que fizeram e fazem, na atualidade, a ciência ‘periférica’, compareceram como elementos dessa discussão.

I. B. Cohen, J. J. Saldaña e T. Glick estiveram entre os conferencistas. G. Bassala, N. Stepan, H. Vessuri e G. S. Rousseau foram alguns dos organizadores e comentadores das mesas, que, por sua vez, contaram com pesquisadores vindos dos quatro pontos do Globo.

Mais de quarenta trabalhos, em sua grande maioria de alto nível, foram apresentados a um público de mais de cento e cinquenta ouvintes, com tradução simultânea inglês/espanhol.

Como representantes dos vários comitês encarregados do Congresso. A. Elena, A. Lafuente e M. Luisa Ortega, acreditam ter sido o evento a melhor forma de instaurar o fórum de debates que terá seqüência durante todo o ano de 92 (apogeu dos trabalhos sobre as ‘descobertas’), e deverá ser concluído com o Congresso Internacional de História da Ciência, em 1993, em Zaragoza, Espanha.

Ana Maria Alfonso-Goldfarb

Revista da SBHC, n. 6, p. 68-71, 1991